

REVISTA
FILOSÓFICA
DE
COIMBRA

vol. 25 - número 49 - março 2016

vol. 25 - número 49 - março 2016

Fundação Eng. António de Almeida



NOTA EDITORIAL

“MORRO SEM SABER PORQUÊ”

O estranho e nada austero título com que encimamos, hoje, mais um fascículo assaz precioso da *Revista Filosófica de Coimbra*, fomos buscá-lo a uns versos de um manuscrito de filosofia do século XVIII oriundo de Évora em cujos três últimos fólhos uma terceira mão ousou escrever (a leitura é de M. Gonçalves da Costa, Braga 1978): «Coração que tens? – Amores./ Quem são elles? – Não direy./ Tem bons olhos? –Matadores./ Queres-lhe bem? – Assim hé./ Eles a ti? – Não hé féé./ E tu disse não te corres? – Sim corro. – Pois porque morres?/ /– Morro sem saber porquê.» O costume de exarar versos ou estados de alma mais ou menos substantivos em manuscritos é uma antiga prática que se compreende pela árdua tarefa de que por vezes o amanuense é incumbido. Precaver-nos-emos, como convém a uma rigorosa publicação filosófica, de qualquer pronúncia ajuizadora ou crítica sobre a valia do versejador e do seu estro. Mas neste momento em que a *Revista Filosófica de Coimbra* se torna mais uma vez pioneira, pelo menos entre os produtos seus afins mais contemporâneos – referimo-nos à secção ora inaugurada, *Memoria* –, não pudemos ocultar a coincidência de o texto inédito hoje publicado, pertencente à história da metafísica em Portugal, também provir, tal como aqueles inconfidentes versos, de uns fólhos de origem carmelitana. Não obstante os trabalhos cabouqueiros de alguns dos nossos melhores, que pelo seu caráter pioneiro ainda hão de determinar o advir de muitos mais, em esferas pertinentemente filosóficas, assim pelo menos o esperamos, ainda está por fazer o estudo do contributo carmelitano para a história da filosofia em Portugal. Aliás, sejamos claros, ainda está por fazer quase tudo no tocante a este domínio dos estudos filosóficos, em Coimbra inaugurado por Joaquim de Carvalho. Seja como for, não só este nosso ilustre investigador quase desconheceu o Carmelo, como continua a correr o preconceito segundo o qual se trata de uma Ordem com pendor menos filosófico. Também assim morremos sem saber porquê. O manuscrito parcialmente ora editado será uma excelente achega para a futura ponderação de semelhante preconceito, ao mesmo tempo que pode ser um acicate – pelo menos era assim que gostaríamos de o ver, nes-

te lugar – para continuarmos a merecer a nossa história, e contributo para a história da filosofia na Europa. Oxalá ele venha a merecer leitor e intérprete inteligente. Noutra ocasião tivemos a oportunidade de expender alguns considerandos sobre a história da metafísica em Portugal após a sua exautoração pela obstinada intervenção política do Marquês de Pombal (vd. o nosso “Il destino della metafisica nella modernizzazione dell’università portoghese all’epoca di Luís António Verney”, Pádua 2011). O erudito e especialista em endótica Manuel Gonçalves da Costa, em quem começámos por nos apoiar, deu-nos notícia da existência de três espécies manuscritas lusitanas que pensam filosoficamente na esteira do professor de Paris, Cambridge e Oxford, o carmelita João de Baconthorp (+ 1348), a saber: um *Cursus Philosophicus Baconicus*, uma *Metaphysica iuxta mentem R.D. Ioannis Bachonii*, e uma *Philosophia Baconia* (da qual provêm os versos reproduzidos no início). O segundo título pode ser do lisboense Paulo da Encarnação (+1751), que ensinou filosofia, no Colégio da sua Ordem, à Rua da Sofia, e na Nossa Universidade; os outros dois são anónimos, tal como o que adiante hoje se publica, graças ao desinteressado labor de um ainda jovem investigador italiano, JACOPO FRANCESCO FALÀ, que frequentou os nossos cursos, primeiro ao abrigo do projeto europeu Erasmus, depois numa fase ulterior da sua investigação, a decorrer agora sob os auspícios do biofísico, primeiro, e presentemente, abraçando uma disciplina mais dura, o historiador da filosofia Guido Alliney (Universidade de Macerata). A seguir à secção *Fórum*, que com viva expectativa inaugurámos no fascículo anterior, *Memoria* é nesta ocasião criada dando agradecido eco à palavra tantas vezes por nós aqui repetida do primeiro diretor da *Revista Filosófica de Coimbra*, Doutor Miguel Baptista Pereira, cujas “Obras Completas” – lembramos – continuam a sair em bom ritmo do prelo da Fundação Calouste Gulbenkian, sob a responsabilidade da Secção de Filosofia do *Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação* da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Apraz-nos, enfim, e ainda antes de entrarmos no índice dos artigos do presente fascículo, registar como uma vez mais a *Revista Filosófica de Coimbra* inova e toma a dianteira, no setor da chamada história da filosofia, designadamente, trazendo à luz do prelo um texto que merecia ser conhecido mas que era ameaçado, como tantos mais, pelo esquecimento da poeira e do bolor que com tanto pudor e incúria continuamos a desvalorizar. Passemos aos artigos propriamente ditos. A estética concita dois estudos no presente fascículo. O primeiro é assinado por DIOGO FERRER que, a partir de Hegel e de Heidegger, afinal dois pensadores em cuja obra D. Ferrer tanto tem meditado, examina o caráter eminentemente reflexivo da arquitetura moderna – área que também está longe de ser alheia ao autor – numa abertura a outras posições, como as de A. Danto, Le Corbusier, Wittgenstein ou Husserl. FERNANDA BERNARDO revisita Jacques Derrida (+ 2004), o seu filósofo de eleição e no qual se tornou, sem dúvida alguma, autoridade maior. O tema escolhido para o leitor – como também leitor foi Derrida – deste fascículo da

Revista Filosófica de Coimbra é a fé ou o ateísmo fiel, entendamo-nos: a mostra de como a leitura que Derrida fez do “grande texto da ocidentalidade greco-abraâmica é portadora de uma nova luz para repensar (racionalmente) o ‘religioso’ e a fatalidade” do seu retorno, isto é dizer, na leitura – de novo a palavra – de F. Bernardo, do “absolutamente todo e qualquer outro”. Da produção da autora relembraríamos esse documento memorial que será sempre *Derrida à Coimbra/Derrida em Coimbra* (Viseu 2005). Michel Henry é um dos mais relevantes fenomenólogos atuais e JOSÉ MANUEL HELENO ocupa-se da sua noção de representação na obra de arte, detendo-se particularmente na reflexão teórica e pictórica de Kandinsky que M. Henry chamou à sua meditação; a contribuição de J.M. Heleno identifica um dos temas fundamentais da filosofia do fenomenólogo, a “relação íntima entre arte e fenomenologia, expressão do enigma da vida em si mesma”. O estatuto ontológico do Si na analítica existenciária de Martin Heidegger é o tema do artigo de MAFALDA BLANC que a professora – que se conta aliás no nosso país como uma relevante divulgadora do filósofo alemão – desenvolve revelando o modo “diferente”, existencial e temporalmente falando, como Heidegger pensou a ipseidade, não solipsisticamente, mas como possibilidade, e relação dialógica. MARIA DA CONCEIÇÃO CAMPS debruça-se sobre dois paradigmas longínquos (de Gregório de Nissa e de Tomás de Aquino) acerca do surgimento da vida, vistos todavia como vigentes nas suas linhas mais fundamentais em alguns exercícios de pensamento corrente na nossa sociedade atual, nomeadamente na lei – a autora do artigo foi aliás jurista nos inícios da sua vida profissional – que plasma alguma ciência produzida. Já não é a primeira vez que NUNO RIBEIRO revisita o espólio de Fernando Pessoa, desta feita sobre o movimento racionalista. A sua contribuição dá a conhecer as linhas fundamentais sobre a natureza e o sentido do racionalismo, chegando mesmo Ribeiro a falar da “imagem pessoana do racionalismo”, insistindo sobretudo na ideia de uma “admissão racionalista de todas as crenças” captada na distinção entre racionalismo, ateísmo, agnosticismo e ceticismo. Doravante a *Revista Filosófica de Coimbra* publicará resumos trilingues de todos os seus artigos. Embora aos ouvidos historicamente competentes a coisa evoque o célebre Colégio Trilingue, apostaríamos antes em que se visse nesta disposição a reivindicação política de horizonte e registo glossolálico: não o inútil ou inglório combate ao crescente domínio do inglês, antes o reconhecimento (ou a sensibilidade para o facto) de que a filosofia só sobreviverá se for falada polilinguisticamente, tal e qual como o saudavelmente plural solo que habitamos. Para que, afinal, ao menos nós, não morramos sem saber porquê.

Coimbra, primavera de 2016

Mário Santiago de Carvalho

(Página deixada propositadamente em branco.)